

**Evento:**XXX Jornada de Pesquisa

O OUTRO E NÓS: DESAFIOS EM TEMPOS DE CRISE MIGRATÓRIA NA PERSPECTIVA BAUMANIANA¹

Anelise de Oliveira Rodrigues², Sidinei Pithan da Silva³, Adão Eurides de Souza Filho⁴

¹ Pesquisa desenvolvida a partir de leituras do **Grupo de Estudos Práxis: Docência, Educação e Sociedade**, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí, sobre a coordenação do professor Sidinei Pithan da Silva e encaminhado ao Projeto de Textos Acadêmicos, um Projeto de Extensão do PPGEAC da Unijuí.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências-Unijuí/RS. Bolsista CAPES.

³ Coordenador e Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências-Unijuí/RS

⁴ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências-Unijuí/RS. Bolsista CAPES.

INTRODUÇÃO

A crise migratória que se intensifica nas últimas décadas, especialmente na Europa, revela profundas contradições da modernidade globalizada. Enquanto o capital e a tecnologia circulam livremente, barreiras são impostas ao movimento humano, transformando migrantes em “estranhos à nossa porta” (Bauman, 2017). Essa percepção, marcada pelo medo e pela desconfiança, expressa uma crise que não é apenas política ou econômica, mas também ética e moral.

Este artigo busca analisar a crise migratória na perspectiva baumaniana, articulando-a com os aportes de Paulo Freire e Edgar Morin, para refletir sobre alternativas de enfrentamento que privilegiem a empatia, a amorosidade e a responsabilidade coletiva. Parte-se do pressuposto de que a educação e o diálogo intercultural são caminhos fundamentais para superar o fechamento moral e o individualismo que marcam a contemporaneidade.

Este estudo dialoga com a **Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas**, em especial com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 4. Educação de qualidade, 10. Redução das desigualdades e 16. Paz, justiça e instituições eficazes. Ao refletir sobre as respostas éticas, políticas e educativas à crise migratória, busca-se contribuir para a promoção de sociedades mais inclusivas, justas e solidárias, alinhadas às metas globais de desenvolvimento sustentável.

METODOLOGIA



Este estudo tem natureza qualitativa, com abordagem teórica e reflexiva. Utiliza o procedimento de análise bibliográfica, pautada em obras de Zygmunt Bauman, Paulo Freire e Edgar Morin.

A seleção das referências baseou-se na relevância para compreender a crise migratória contemporânea sob perspectivas éticas, políticas e educativas. A análise foi conduzida de forma interpretativa, buscando identificar convergências e tensões entre os autores e documentos analisados, de modo a articular fundamentos conceituais que sustentem a discussão sobre o “outro” e a construção de sociedades mais inclusivas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A crise migratória que avança sobre a Europa apresenta uma nova configuração em relação à percepção dos migrantes: de trabalhadores bem-vindos, passaram a ser vistos como “estranhos” e potenciais ameaças. Bauman (2017), em sua obra ‘Estranhos à nossa Porta, desenvolve um profundo e crítico exame sobre esse fenômeno, que não é um processo novo, mas tem sido amplificado nas últimas décadas devido à globalização, crises econômicas e instabilidade política. O caos se instaura diante de nossa indiferença à dor do outro.

Nesse sentido, Bauman (2017) cita o alerta do Papa Francisco (2013) sobre os perigos de lavarmos nossas mãos perante as consequências, das quais somos todos, simultaneamente, em algum grau, vítimas e responsáveis:

E quando a humanidade como um todo perde o seu rumo, isso resulta em tragédias como a que temos testemunhado... Uma pergunta deve ser feita: quem é responsável pelo sangue desses nossos irmãos e irmãs? Ninguém! Essa é a nossa resposta. Não sou eu. Não tenho nada a ver com isso. Deve ser outra pessoa, mas certamente não eu... Hoje, ninguém no mundo se sente responsável. Perdemos o senso de responsabilidade para com nossos irmãos e irmãs... A cultura do conforto, que nos faz pensar apenas em nós mesmos, nos torna insensíveis aos gritos de outras pessoas, faz-nos viver em bolhas de sabão que, embora adoráveis carecem de substâncias; oferecem uma ilusão efêmera e vazia que resulta na indiferença em relação aos outros; na verdade, leva até a globalização da indiferença. Neste mundo globalizado, caímos na indiferença globalizada. Nós nos acostumamos ao sofrimento dos outros. Ele não me afeta. Não me diz respeito. Não é da minha conta! (Papa Francisco apud Bauman, 2017, p. 26).

No contexto da globalização e da modernidade líquida (Bauman, 2001), as fronteiras físicas tornam-se menos rígidas, mas as fronteiras simbólicas (como o medo do estrangeiro) se tornam mais acentuadas. Enquanto o capital e a tecnologia circulam livremente, barreiras são impostas ao movimento humano. A sociedade de performance individual, retrata um



estado que lava suas mãos em relação à promoção do bem-estar social e transfere aos indivíduos a responsabilidade sobre seus sucessos ou fracassos.

O medo é deliberadamente produzido e manipulado por diferentes atores sociais, incluindo políticos e a mídia. Os líderes políticos utilizam o medo do "outro" para ganhar apoio. Esse tipo de política (que Bauman chama de “securitização”) é utilizado pelos parlamentares para causar insegurança entre os eleitores frente à migração e para desviar o foco de problemas sociais fundamentais, como saúde, desemprego, seguridade social e segurança, os quais eles são incapazes de resolver e jogam essa culpa para os “estranhos, indesejados”. Esse posicionamento, contribui apenas para a ascensão da xenofobia, uma vez que taxa os imigrantes, principalmente na Europa, como terroristas em potencial.

Ao culpar os migrantes pelos problemas sociais e econômicos, os políticos populistas simplificam questões complexas e oferecem soluções fáceis e sedutoras, mas ineficazes. A preocupação reside em fortificar as fronteiras da União Européia para deter a migração e não há movimentos reflexivos em direção às causas que levam as pessoas a abandonarem seus países em busca de asilo e sujeitarem-se a tragédias por meio de entradas ilegais. Para Bauman (2017) a política implantada beira a insensatez: “ela despeja uma fortuna sobre uns poucos, mata milhares e ignora milhões (p. 96).

O autor descreve as raízes antropológicas do ódio como baseadas em instintos primitivos de medo do "outro" e da diferença. Destaca que os problemas produzidos pela crise migratória atual, são exacerbados pelo receio do desconhecido (simbolizados pelas massas de estranhos à nossa porta) em confronto com o “imperativo categórico da moral” (Bauman, 2017, p. 104). Ele considera que novas circunstâncias, circunscritas pelo tempo, definem características da condição humana, como o fato de estarmos no mundo off-line e on-line simultaneamente. Nesse aspecto, a “alternativa on-line parece encantadora, confortavelmente inequívoca e livre de riscos, já que oferece a chance de reduzir a complexidade e escapar à controvérsia”. Assim, somos tentados a transferir para o mundo off-line a simplificação que o virtual oferece, fechar os olhos, tapar os ouvidos, nos tornar moralmente cegos e surdos. Nesse sentido urge uma questão: Em uma sociedade cada vez mais marcada pelo individualismo, como encontrar espaço para a empatia e o cuidado com o outro, especialmente com aqueles que são diferentes?



A moralidade, conforme discutido por Bauman, requer uma ação concreta frente ao sofrimento alheio, algo que Freire (2019) também reconhece ao apontar que o amor ao próximo deve ser um ato político e transformador. O fechamento moral que ocorre diante dos migrantes, vistos como "estranhos à nossa porta", nada mais é do que um reflexo da incapacidade de reconhecer a humanidade no outro. Para Freire (2019), essa incapacidade é produto de uma sociedade alienada, que foi ensinada a evitar o conflito e a diversidade, preferindo a simplificação das relações e a indiferença diante da complexidade humana.

A desumanização é um fator que Freire (2019) combate com sua pedagogia do oprimido. Ele defende que é somente ao reconhecer o outro como sujeito de direitos e ao buscar compreender as causas estruturais da opressão que se pode caminhar para uma transformação social. Nesse sentido, o medo e a rejeição do outro, amplificados pelo discurso securitário mencionado por Bauman, podem ser superados por uma prática educativa crítica, fundamentada na amorosidade, mas também na responsabilidade coletiva para com os problemas sociais que afligem o mundo.

Para Morin (2002), a realidade é feita de laços e interações e o conhecimento que separa e isola não nos habilita a entendê-la. O autor nos faz refletir sobre quem é esse outro:

O outro significa, ao mesmo tempo, o semelhante e o dessemelhante; semelhante pelos traços humanos ou culturais comuns; dessemelhante pela singularidade individual ou pelas diferenças étnicas. O outro comporta efetivamente, a estranheza e a similitude. A qualidade de sujeito permite-nos percebê-los na semelhança e dessemelhança. O fechamento egocêntrico torna o outro estranho para nós; a abertura altruísta o torna simpático (Morin, 2003b, p. 77).

Portanto, a resposta à crise migratória e à crise moral que a acompanha reside no reconhecimento da nossa responsabilidade mútua e na busca de soluções coletivas que não tratem os migrantes como ameaças, mas como seres humanos que, assim como nós, anseiam por dignidade e justiça. Assim, a alternativa não é o fechamento moral ou o medo do outro, mas a construção de uma sociedade mais inclusiva, em que a amorosidade e a solidariedade sejam valores centrais no enfrentamento das crises globais.

Em uma sociedade individualista, a empatia e o cuidado com o outro requerem esforço consciente e coletivo. São necessários novos modelos de convivência e formas de diálogo, na educação, principalmente, que enfatizem a interdependência humana e o valor da diversidade. Embora o individualismo promova a separação, a busca por solidariedade e empatia pode reverter esse processo, construindo pontes entre diferentes culturas, realidades e pessoas. A transformação começa em nível local e se expande por meio de



ações políticas, educacionais e sociais que promovam o encontro e o reconhecimento da dignidade compartilhada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise migratória é também uma crise moral. O medo do outro e as políticas de exclusão são sintomas de uma sociedade que se fecha em bolhas de conforto e que se distancia da empatia e da solidariedade. A leitura conjunta de Bauman, Freire e Morin indica que a superação desse cenário passa pela construção de uma cultura de responsabilidade mútua, pelo fortalecimento do diálogo intercultural e pela adoção de práticas políticas e educativas que valorizem a diversidade.

A educação, nesse processo, é central: não apenas como transmissão de conhecimento, mas como espaço de encontro, escuta e reconhecimento da dignidade compartilhada. Em tempos de muros físicos e simbólicos, torna-se urgente erguer pontes.

Palavras-chave: Migração. Solidariedade. Diálogo Intercultural.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- MORIN, E. Complexidade e ética da solidariedade. In: CASTRO, G. (Coord.). **Ensaio de complexidade**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002. p. 11-20.
- MORIN, E. **O método 5: a humanidade da humanidade**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.